



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA**  
**III COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE**  
**X JORNADA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO EDUCACIONAL**

**EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: HISTÓRIAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
20 a 22 de julho de 2023

# ANAIS ELETRÔNICOS

ISSN 2237-6542

Organização:



Apoio Institucional:





**ATIVISMO E LIDERANÇA DE MULHERES: ESPAÇOS DE  
POTENCIALIZAÇÃO AFETIVA**

**Sonia Regina Vargas Mansano<sup>1</sup>**  
**Danielly Christina de Souza Mezzari<sup>2</sup>**

Agência Financiadora: Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).

**Grupo de Trabalho:** GT 8 - Bem-Viver, Direitos da Natureza e Alternativas de Desenvolvimento

**Palavras-chave:** Ativismo, Liderança, Mulheres.

## **1 Introdução**

Problemas de ordem social e ambiental há tempos assolam o contexto brasileiro gerando uma série de dificuldades para a população e seus governantes. Conferências voltadas para preservação do meio ambiente, de escopo nacional e internacional buscaram, desde meados do século XX, criar estratégias para identificar e minimizar tais problemas, sendo que nelas foi elaborado um conjunto de documentos e cartas de compromisso assinados pelos dirigentes de diferentes nações do globo. Ocorre, entretanto, que tais documentos nem sempre encontraram respaldo governamental e empresarial para serem colocados em prática, abrindo uma grave lacuna que culminou com a expansão da desigualdade social e a intensificação dos problemas sociais e ambientais (PIGA & MANSANO, 2016).

Diante desse cenário, o objetivo do presente estudo consistiu em conhecer e analisar os impasses, desafios e riscos em defesa da vida que são assumidos por ativistas e líderes das causas sociais e ambientais. Adotando uma perspectiva metodológica teórica, o estudo foi realizado em dois momentos: Primeiro, foi delineado

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UEL). Contato: mansano@uel.br.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Social pela UNESP/Assis. Docente colaboradora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Pós-doutoranda do PPGPSI/UEL e bolsista CAPES. Contato: dcsmezzari2@uem.br.



## **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: HISTÓRIAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS**

ISSN 2237-6542

um cenário social em que as práticas de ativismo, militância e liderança social e ambiental ocorrem. Na sequência, a pesquisa dedicou-se a compreender o protagonismo das mulheres analisando ações de cunho individual e institucional.

### **2 Fundamentação teórica**

Estudos advindos de diferentes áreas de conhecimento mostram que os problemas graves de cunho ambiental e social estão avançando cada vez mais rapidamente, colocando em risco a possibilidade de uma existência qualificada para humanos e não humanos (STENGERS, 2015; SASSEN, 2016). Atentar para esse cenário é ao mesmo tempo urgente e desafiador, uma vez que demanda a implicação de agentes sociais comprometidos com um efetivo e satisfatório enfrentamento do problema. Nessa direção, governantes dos diferentes países do globo, juntamente com cientistas, líderes de movimentos sociais, ecologias, representantes da sociedade civil e parte da população expressam sua preocupação e seus limites para intervir nessa situação, minimizando seus efeitos.

As práticas de defesa socioambiental perpassam a história brasileira há tempos (KOPENAWA & ALBERT, 2015; KRENAK, 2020). A relação da população com o meio ambiente, entretanto, acontece em um campo tenso que comporta interesses divergentes (CARVALHO & MANSANO, 2016). Trata-se de uma relação marcada pela intervenção da biopolítica que alude a maneiras específicas de governar pessoas, controlar espaços, legislar sobre os corpos e intervir sobre os recursos naturais. A biopolítica implica, de acordo com Foucault (1975/1999, p. 294), uma série de “mecanismos globais” que busca “agir de tal maneira que se obtenha estados globais de equilíbrio, de regularidade; em resumo, de levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação”. A biopolítica volta-se, então, à regulação da existência em suas mais variadas dimensões para que uma racionalidade de gestão governamental possa ser traçada, legalizada e colocada em prática. Todo esse empreendimento visa controlar, o máximo possível, a vida da população, a exploração dos recursos naturais, a organização geral das cidades e os interesses de mercado.



## EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: HISTÓRIAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS

Como o meio ambiente e os humanos fazem parte de um mesmo conjunto vivo e multifacetado, sendo indissociáveis, ambos se tornam alvo da biopolítica que legisla e controla os dispositivos de proteção e exploração socioambiental. Desse conjunto amplo de interesses do biopoder é que serão extraídas e definidas as intervenções governamentais. Ocorre que estamos inseridos em um sistema socioeconômico que também participa das ações governamentais, ditando, em alguma medida, como devem ser realizadas suas intervenções e tendo como foco a expansão da riqueza monetária. Com isso, o momento crítico que atravessamos hoje é marcado por desigualdades de diferentes tipos que foram intensificadas pela pandemia por COVID-19. Assim, oscilamos entre a preservação e o descarte dos modos de existir que colocaram em cena as possibilidades e os limites da intervenção governamental em prol da vida de humanos e não humanos.

### 3 Resultados e Discussão

Em meio a confrontos entre a defesa da vida e a expansão de riquezas, entram em cena as ativistas, militantes e líderes vinculadas às causas sociais e ambientais. São agentes que pertencem ou não a instituições sociais (de destaque nacional e/ou internacional), que dedicam sua existência, ou parte dela, ao compromisso com a preservação e expansão da existência coletiva. Tais agentes vivenciam cotidianamente uma série de impasses, desafios e riscos em defesa da vida.

Quando analisamos o protagonismo das mulheres nas lutas sociais e ambientais que ganharam importância social cabe reconhecer o que fundamenta tais ações. Para tanto, partimos da perspectiva de Hardt e Negri (2001, p. 436) para quem tais ações, que eles chamam de militância, ganham contornos revolucionários, visto ser “uma atividade positiva, constitutiva e inovadora. Esta é a forma pela qual nós e todos aqueles que se revoltam contra o domínio do capital nos reconhecemos como militantes. Militantes resistem criativamente ao comando imperial”. E ainda acrescentam: “a resistência está imediatamente ligada ao investimento constitutivo do reino biopolítico e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade” (p. 347).



## EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: HISTÓRIAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS

Algumas pistas para compreender os afetos desgastantes que recaem sobre essas agentes e instituições, bem como as estratégias utilizadas para contornar os riscos e prezar por uma vida coletiva, afetiva, social e ecologicamente sustentável já são conhecidas. Em larga medida, elas envolvem o uso da potência sensível de acessar, valorizar e tomar em consideração as experiências micropolíticas que funcionam no cotidiano relacional para construir, por meio delas, um planeta social e ambientalmente sustentável que de fato interesse à coletividade (STENGERS, 2015).

Por outro lado, o protagonismo de mulheres nas práticas de defesa da vida coloca em cena diferentes dimensões afetivas de expansão da existência como os direitos humanos, a ecologia, as desigualdades e a cultura. Recentemente, tais ações estão cada vez mais integradas à rede mundial de computadores. Nesse caso, há reconhecimento público do chamado “ciberfeminismo” que, de acordo com os estudos de Martinez (2019, p. 7), engloba: “um movimento estético e político orientado pela popularização das tecnologias digitais que renovou o debate feminista, questionando as desigualdades de gênero através das relações das mulheres com a ciência, a tecnologia e a cultura eletrônica”.

Com base nessas ações, pode-se dizer que o protagonismo das mulheres deixa entrever três preocupações políticas que estão amplamente interligadas: a busca pela expansão e fortalecimento de uma vida relacional qualificada, a luta pela inclusão social de grupos minoritários e o fortalecimento de vínculos afetivos aliados à potencialização da natureza. Colocar as relações humanas e ambientais no centro do debate promove uma análise sobre o mundo em que desejamos viver.

### 4 Considerações Finais

Ao final desta trajetória, pode-se dizer que a universidade brasileira, em sua tríplice dimensão composta pela pesquisa, ensino e extensão, tem como um de seus principais desafios elaborar conhecimentos para conter o avanço da devastação ambiental e social ora em curso no nosso país, por meio de suas diversas áreas de conhecimento. Os esforços já empreendidos pelos pesquisadores das Ciências Sociais



## EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: HISTÓRIAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS

ISSN 2237-6542

e Humanas são notáveis, mas ainda insuficientes diante da gravidade do cenário instalado com a pandemia.

Acreditamos que à Psicologia Social cabe a tarefa de identificar e compreender como ocorrem as iniciativas microssociais voltadas para a transformação social visando o bem comum nesses dois âmbitos, social e ambiental. Conhecer as práticas microssociais de intervenção das ativistas e líderes sociais coopera para dar visibilidade a suas ações e criar espaços de problematização sobre a vida que temos e aquela que almejamos em termos de sustentabilidade relacional, ambiental e afetiva.

### Referências

CARVALHO, Paulo. Roberto., & MANSANO, Sonia. Regina. Vargas. Ecologia e mobilização social: um desafio para a Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39. p. 1 – 13, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1975/1999.

HARDT, Michael., & NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KOPENAWA, Davi., & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2020.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019.

PIGA, Talita. Ravagnã., & MANSANO, Sonia. Regina. Vargas. Sustentabilidade ambiental e História: uma análise crítica. *Perspectivas contemporâneas*. (10)2, 174-195, 2015.

SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naif, 2015.